

Sandra Russo

# OS SUCESSORES



VOLUME III

# OS SUCESSORES

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

R969s Russo, Sandra

Os sucessores: volume 3 / Sandra Russo. - São Caetano do Sul, SP :  
Clube de Autores, 2019.  
414 p.

Inclui índice.  
ISBN: 978-85-906499-2-2

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

2019-1799

CDD 869.89923  
CDU 821.134.3(81)-31

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira : Romance 869.89923
2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

Sandra Russo

# OS SUCESSORES

VOLUME III

Edição do autor

São Paulo, 2019

*Dedico este livro ao ator Rubens de Falco (in memorium).*

*Agradeço a Mércia Barusso por ter lido todo o manuscrito,  
comentários e valiosas sugestões.*

*Agradeço à Maria de Lourdes Vechia, minha professora de português.*

*Ao amigo Cláudio Feldman pelo incentivo.*

*Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas,  
fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.*



No volume anterior, Letícia deixa São Gabriel da Cachoeira e vem para São Paulo. Agora ela é a dedicada esposa do diretor patrimonial da Petra, Jardel de Freitas, cujo estilo de vida sofisticado e recluso restringe cada vez mais a sua liberdade.

Enquanto gerencia os rumos da organização secreta, Jardel aguarda o momento mais adequado de revelar-se como guardião da seita.

Os concorrentes da construtora libertam Lucas da prisão, obtém informações sigilosas sobre a barragem principal da hidrelétrica e provocam um desastre ecológico.

Jardel é forçado a renunciar.



## SUMÁRIO

FÊNIX .....	11
HERANÇA .....	48
TESTAMENTO.....	91
BEM SUPREMO .....	132
BUSCA.....	176
JUÍZO .....	221
REQUINTE .....	262
FORNALHA .....	296
GLACIARES .....	332
MUDANÇA .....	367



FÊNIX

Tomiko reverencia seus ancestrais. Não há imagens sagradas.

Ela ora, unindo as mãos e abaixando a cabeça.

Aguardando-a do lado de fora, Enzo observa o pôr do sol gradualmente formar filetes rubros e dourados que atravessam o torii.

O arco de cor vermelha vibrante sinaliza a entrada do templo xintoísta.

Tomiko teme um período ruim e por isso tem vindo deixar oferendas todos os dias.

Enzo tem seus próprios dilemas. Com a saída de Jardel não sabe

que rumo a organização tomará, nem que função passará a exercer. Tomiko vem ao seu encontro.

Passeiam de mãos dadas pelo amplo jardim do entorno.

– Trinta e três; idade perigosa. Mulher pode adquirir doença.

– Tomiko, isso é besteira! Ninguém pega doença porque atinge determinada idade.

– Yakudoshi, muito azar! – reitera Tomiko. Para homem, vinte e cinco, quarenta e dois, sessenta. Enzo vinte e cinco. Má sorte. Ele sorri para ela.

– Enzo com boa sorte. Encontrou Tomiko!

•

Jardel certifica-se que Lutero dormiu e coloca-o no berço.

Deixa o quarto do nenê e desce as escadas em forma de caracol, indo sentar-se no sofá branco em forma de “L”.

Gasta alguns minutos contemplando os objetos à sua volta.

A claraboia que deixa entrar a luz natural realça os detalhes minuciosos da decoração. Morou nesta casa por mais de quinze anos.

Escuta os passos de Letícia descendo a escada.

– Eu adoro esse banho de sais! É tão relaxante!

Jardel fita-a demoradamente.

– O que houve? Não vamos mais sair para jantar?

– Sente-se aqui um instante.

Letícia estranha o tom de voz dele. Senta-se vagarosamente, mantendo parte do corpo projetada adiante, pernas e mãos unidas.

– Letícia, eu não passei o dia na construtora hoje.

– Não?! – surpreende-se.

– Estive procurando um apartamento.

Letícia sorri – Apartamento pra quê? Eu gosto desta casa.

– Eu também.

– Arrumou outra enquanto eu estive grávida – culpa-se levando ambas as mãos à face. Sabia que tinha ficado horrível!

– Deixe de ser boba – pede Jardel enfático. Letícia eu fui destituído do meu cargo de guardião. Eu tenho de devolver esta casa com toda a mobília. O prazo termina amanhã cedo.

Ela parece não ter entendido. Ele esforça-se por elucidar.

– Eu também tive de renunciar à diretoria da construtora porque fui nomeado pelo Gerd e eu não correspondo mais à sua confiança.

– O que está dizendo? – indigna-se Letícia. Arriscou a sua vida por eles. Podia ter morrido naquela caverna. Treinou a maioria daqueles jovens. Eles não podem fazer isto!

– Letícia – apela Jardel calmamente. Eu tenho umas economias, mas o nosso padrão de vida vai despencar, compreende?

Finalmente Letícia cai em si e meneia a cabeça.

– Talvez eu possa me recolocar como consultor de alguma empresa. Mas isto pode levar algum tempo.

– Terei de devolver os vestidos?

Jardel sorri diante da reação infantilizada dela.

– Não! – assegura sorrindo amorosamente.

– Confiscaram tudo?!

– Se... – hesita – não quiser mais ficar comigo...

Ela se joga nos braços dele.

– Eu vou com você para onde você for.

Jardel abraça-a sentindo-se reconfortado.

– Eu não deixo você por nada – declara Letícia.

Jardel afasta-a e contempla o seu rosto coberto de lágrimas.

– Posso voltar a trabalhar.

– Não será preciso – declara autoritário secando a face dela com as mãos. Agora vamos jantar. Comemorar a nossa felicidade. Eu

te amo muito! – reafirma Jardel com toda sua alma.

– Você pode contar sempre comigo, meu amor!

•

Dreyfus aterrissa com precisão a miniatura de um P 47

Thunderbolt.

Está uma manhã ensolarada, mas parte do gramado permanece coberto por uma lâmina de água, resquício da chuva forte que caiu durante a noite.

– Dreyfus venha tomar café – grita a mãe.

Dreyfus pede para o filhote de sheep dog aguardá-lo. O cão abana o rabo como se concordasse. Assim que Dreyfus alcança a varanda, o cachorro vem correndo e salta sobre ele para brincar.

– Não Prisma! Sai de cima de mim!

Deigles surge na varanda e ordena para o cão sair, sendo obedecido.

Ele e Dreyfus entram para o café.

Dreyfus passa geleia na torrada. Ergue os olhos na direção do pai.

– Está chateado com alguma coisa, filho?

– Você sabe.

Deigles suspira entediado.

– Você pode continuar a ver e falar com o Jardel.

– Como, se você disse para ele não vir mais aqui?

– Na casa dele, no shopping, na rua.

– Assim como me encontro com o meu amigo Dário? Nunca mais a gente se viu.

– Ele não é do seu nível social – frisa Elizabeth.

– Sei. Ele é leproso e o Jardel ficou com sarna – revolta-se, levantando-se para deixar a mesa.

– Sente-se – ordena o pai.

Dreyfus retrocede.

– Tome o seu café e depois vá se trocar para ir à escola.

•

Carregadores embrulham objetos pessoais do casal, como fotos e presentes. Monteiro está parado no batente da porta.

Jardel caminha na sua direção.

– Pensei que estivesse aproveitando sua licença prêmio.

– Estou enjoado de não fazer nada.

– Além de ter salvo a vida da minha esposa, o que mais gostaria de fazer?

Monteiro sorri timidamente – Ficar ao seu lado.

Jardel não encontra uma palavra que expresse sua gratidão.

Evandro aproxima-se – Acho que acabou, Dr. Jardel.

Manfred, Evandro e Monteiro o acompanham até a van de mudanças.

– Todas as suas coisas couberam aí? – estranha Evandro.

– Não eram muitas – responde Jardel. Acredita que a Letícia já tem mais coisas do que eu?!

– Acredito – aquiesce Evandro tentando animá-lo.

– Suas roupas e livros seguiram no caminhão, senhor – informa Manfred. O Dalcídio também.

– Ele é o item mais importante – brinca Evandro.

– Bem... esta é a última viagem! – exclama Jardel buscando forças.

Jardel despede-se de Manfred e Evandro.

– Obrigado por tudo e boa sorte.

– Posso acompanhá-lo na van? – pede Monteiro.

– Por que não? – oferece Jardel indicando com um movimento de mão para que Monteiro vá à frente.

•

A novidade da demissão de Jardel é estarrecedora na Petra.

Ciça, Rosana e Adriana que chegaram juntas para trabalhar têm comentários dos mais venenosos.

– Bem-feito! – exclama Ciça vingativa. A esposa dele terá de fazer compras na Vinte e Cinco de Março ao invés da Oscar Freire.

– Ele não pode mais dar ordem nem pro cachorro – exulta Adriana. Quero ver aonde ele vai meter aquele nariz empinado agora. – Saiu com o rabo entre as pernas – acrescenta Rosana enquanto digita uma página.

– Esperem aí! – indigna-se Simone. Se eu não me engano, nossos maridos trabalham aqui porque o Jardel indicou.

– Só se for o seu; queridinha! – contesta Adriana. Foram buscar o Tide em casa.

Simone interrompe o trabalho virando-se na direção da amiga.

– Buscar o Aristides em casa para dirigir caminhão?

– O seu marido dirige caminhão? – pergunta Adriana despeitada.

– Não. O Beto não dirige caminhão.

– O Beto não dirige nem a própria vida – instiga Ciça.

Eusébio Baumer chega ao setor e todas se calam.

– Posso saber o que debatiam com tanto entusiasmo?

Uma olha para a outra. Depois olham para ele.

– Tratem de concluir os relatórios – frisa Eusébio antes de se isolar em sua sala.

– Intragável! – deixa escapar Simone quando ele não pode ouvir.

•

Monteiro segue Jardel pelo apartamento repleto de caixas empilhadas.

– Aqui é a sala – apresenta Jardel, driblando as caixas e indo até a janela. Tem uma bela vista!

Monteiro vem até a janela e observa o panorama.

– O quarto do Lutero é o único local que está arrumado – avisa

Jardel sorrindo. Está tudo uma bagunça!

Monteiro admira como Jardel adapta-se rapidamente à nova situação.

Ambos caminham pelo corredor e encontram Letícia terminando de trocar a fralda de Lutero. O berço está montado num canto.

– Olá senhora! Como está? Posso?

Monteiro alegre-se ao tomar o filho de Jardel nos braços.

– Graças a Deus puxou a mãe!

Jardel acha graça apesar da frase ser chavão.

O bebê começa a chorar.

– Parece que não agradei – exclama Monteiro devolvendo Lutero para Letícia.

– Vou preparar um café – prontifica-se Letícia ainda com o nenê inquieto nos braços.

– Pode deixar – oferece Jardel. Fique cuidando dele.

•

A réplica da caravela de Cabral, construída para comemorar os quinhentos anos do descobrimento, não veleja.

São quatro tentativas fracassadas.

Dreyfus se inteira do fiasco pela internet.

A campanha da sofisticada mansão toca.

Dreyfus espia pela janela.

Péricles entrega Prisma para o serviço móvel de pet shop.

O sheep dog colabora adorando ir passear.

– Venho trazer o cachorro logo depois do almoço.

– Deixarei autorização na guarita para você entrar – avisa Péricles.

– Obrigado – agradece o rapaz sentando-se no assento do motorista e dando a partida.

Péricles acompanha o carro até que faça a curva rumo à saída.

•

Monteiro recebe a xícara com o café.

Jardel senta-se de frente para Monteiro.

– Senhor gostaria de continuar lhe servindo.

Jardel emocionado desvia o olhar para dentro de sua xícara.

– Obrigado, Monteiro! Não tenho como lhe pagar. A chave continuará a lhe acolher.

– Quem falou em dinheiro?

– Todo mundo. Milhões de euros – expressa com ar de derrota.

– O senhor é muito inteligente. Estou certo de que em breve esfregará essa quantia na cara deles.

Jardel nega com a cabeça.

– Quero distância de tudo aquilo. Viver em paz com a minha esposa e filho. Recomeçar de novo.

– Que conto de fadas é esse, Dr. Jardel?! Fora da organização o senhor é uma presa fácil para tantos quantos desejem se vingar.

Jardel fita-o com seriedade.

– Não sairei de perto do senhor – declara Monteiro convicto.

– Não seja teimoso! Não tenho como bancar o seu salário.

Passagens de avião para você ver a sua família. Seguro.

– Estarei lhe servindo sem proventos.

– Monteiro, seu café está esfriando – corta-o Jardel indo depositar a sua xícara sobre a pedra de mármore da pia.

– Eu trouxe uma sacola com meu pijama.

Jardel volta-se e apoia o peso do corpo junto a pia.

– Levou um tiro no peito por minha causa, algo que eu nunca poderei lhe retribuir. Além do mais – acrescenta Jardel vindo recolher a xícara de Monteiro – o apartamento é pequeno.

– Durmo na sala com meu revólver engatilhado e aconselho o senhor a gastar um mínimo com um circuito interno de tevê. Podemos ter visitas inesperadas.

•

Lucas insiste no imenso portão de entrada da antiga mansão de Jardel.

Finalmente dois homens surgem detrás da guarita.

– O que você quer?

– Como o que eu quero? Faz meia hora que estou berrando nesse interfone. Quero falar com a minha irmã Letícia.

– Não conhecemos nenhuma Letícia.

– Cara, tá de gozação? A esposa do Dr. Jardel.

– Ah! O Dr. Jardel não mora mais aqui.

Lucas tenta se proteger do sol forte erguendo um dos braços.

– Como não mora mais aqui?!

– Nunca viu ninguém se mudar? Agora, dá o fora.

– Pra onde ele se mudou?

– Circulando.

Lucas retrocede e sobe a rua arborizada.

Mais umas três casas do porte daquela, ocupando quase um quarteirão, desfilam diante de seus olhos.

Pessoas transitando é coisa rara.

É como se caminhasse numa cidade cenográfica. Sua cabeça fervilha de explicações, todas insatisfatórias.

•

Letícia está atrapalhada como dona de casa. Não sabe se, corta os legumes, estende a roupa ou balança o nenê no carrinho.

A campainha toca insistentemente.

Ela vem abrir, apesar das instruções em contrário de Jardel.

Letícia ajeita os cabelos rapidamente. Está com uma roupa apropriada para os afazeres domésticos. Não estava esperando ninguém.

– O Jardel está?

– Não. Ele saiu.

– Sabe se ele vai demorar?

– Creio que não. Não quer entrar? – convida meio constrangida. Letícia encosta a porta. Eusébio observa o padrão do apartamento e compara com a qualidade de vida que Jardel desfrutava, expressando um sorriso ténue de escárnio, sem que ela note.

– Não quer se sentar?

Eusébio acomoda-se – Não arrumou uma empregada ainda?

– Ah! Tivemos umas candidatas, mas você sabe como o Jardel é. Lutero chora com vigor.

– ...me dá licença por um instante?

Ficando sozinho Eusébio avalia alguns quadros pouco valiosos na parede e imagina um lance desprezível pela mobília.

Impaciente, checa as horas em seu relógio de pulso banhado a ouro.

•

O serviço de pet shop devolve Prisma.

Péricles assina a fatura.

O cão entra correndo na casa à procura de Dreyfus. Em sua coleira, uma câmara embutida transmite imagens do local, que são captadas por um receptor oculto num caminhão estacionado nas proximidades.

Cícero, Yukio e um terceiro comparsa operam o equipamento.

– Você é um gênio! – exclama Cícero. Eu tinha a residência do Deigles como inviolável. Ele é até mais paranoico do que o Jardel com a segurança.

– Olhe! O cachorro está subindo a escada – narra Yukio.

Prisma empurra a porta do quarto de Dreyfus com sua pesada pata.

– Tem certeza de que Deigles será o novo guardião? – arrisca Cícero.

– É um bom palpite. Mas nunca se sabe. A cobiça pelo poder

revela monstros que até então estavam adormecidos. Experiência própria – admite Yukio.

•

Jardel é surpreendido pela visita de Eusébio.

– Faz tempo que está à minha espera?

– Cerca de uma hora.

– Come alguma coisa?

– Não – descarta polidamente. Almocei na Petra.

Eusébio não contava com a presença de Monteiro, que o cumprimenta com uma leve inclinação de cabeça.

– Pensei que apenas o Dalcídio tivesse vindo com você – balbucia Eusébio cauteloso.

– O Monteiro só está ajudando nesta fase de adaptação – desconversa habilmente Jardel não querendo prolongar o assunto. Você aceita um suco, então?

– Não tem vinho?

– Bani as bebidas alcoólicas. Só posso comprar as de qualidade inferior – anuncia Jardel debochando de si mesmo.

– Água tônica com limão, então – opta Eusébio. Está um calor infernal!

– Vou buscar.

Eusébio torna a se sentar e Jardel vai até a cozinha.

Beija Letícia e observa o nenê irritadiço.

– O que há?

– Tem o seu temperamento.

Jardel sorri. Fecha a geladeira. Volta para a sala com duas águas tônicas. Eusébio olha incomodado para Monteiro.

– Pode nos dar licença por um instante Monteiro? – pede Jardel.

Quando ficam sozinhos Eusébio se desmancha em amenidades.

– Você me parece ótimo!

– Ninguém diz que fiquei pendurado numa caverna ao lado de

milhares de morcegos – responde fazendo piada de sua desdita. Eusébio é mais incisivo.

– Está demorando muito para agir. Se quiser eu posso pagar uma passagem para a Suíça para você. Podemos perseguir esse tal de Zofar e recuperar o dinheiro.

– O Gerd não está cuidando disto? A organização precisa desse capital, pelo que sei.

– Uma trabalhadora danada para alterar as outras vinte contas. Felizmente você protegeu os oitenta milhões. Nós o temos como um herói – mente Eusébio.

Jardel ganha tempo engolindo água tônica.

– Você alterou os códigos?

– Não. O Jow. Não entendo nada de finanças.

– Sei... – declara Jardel com um sorriso cético.

– Todo mundo aposta que você tem uma carta na manga – revela Eusébio, sendo mais direto.

– Não, não tenho – nega com voz suave. Eu não esperava que fosse ser destituído tão rápido.

– No seu lugar estaria muito magoado – joga sagaz.

Jardel não diz nada.

Eusébio deposita o copo vazio sobre a mesa e levanta-se.

– Se quiser a minha ajuda Jardel, basta um telefonema.

– Obrigado Eusébio – agradece acompanhando-o até a porta e ficando pensativo quando ele parte.

Monteiro aproxima-se – O que achou disso, Dr. Jardel?

– Não sei ainda.

– Ele está morando na sua mansão. Passei lá ontem.

Jardel olha para Monteiro perplexo – Não sabia disto!

– E colocou gente de sua própria confiança para protegê-lo.

Ninguém da chave paulista.

– Ainda é cedo para tirar conclusões – deduz Jardel sabiamente.

•

Zofar retira do pescoço um cordão de prata cujo pingente é uma chave, a chave do cofre de Fernando Pinho.

Os picos nevados das montanhas vistos à distância da ampla vidraça proporcionam uma sensação mais ampla de claridade à sala.

Zofar remove o quadro de Monet, encaixa a chave e gira a trava. É um cofre bem pequeno.

No seu interior, apenas papéis, entre eles, a fórmula da conversão de cinzas humanas em diamantes e uma lista de possíveis doadores.

Batem à porta. Zofar encaixa o quadro na parede com rapidez. A secretária avisa que a assembleia de acionistas o aguarda.

•

Dário checa novamente a caixa de mensagens.

Os amigos não estão com vontade de conversar hoje.

Está uma tarde tediosa e abafada. Pela janela observa outros garotos do prédio jogando bola na quadra cercada de arame.

Sua mãe entra trazendo um suco de laranja numa bandeja.

– Obrigado, mãe.

– Por que não desce para brincar?

– Ah! Prefiro ficar aqui.

– Está certo. Quando terminar o suco, leve o copo até a cozinha.

– Sim senhora – acorda respeitosamente, enquanto a mãe deixa o quarto, encostando delicadamente a porta.

De repente alguém entra online.

– Merlin, o Mágico – meu cognome Fênix.

O entusiasmo invade o coração de Dário.

Somente uma pessoa na face da terra o chama de Merlin, o Mágico.

- Olá Fênix. Por onde anda?
- Estarei hoje, às catorze horas, sorveteria próxima sua casa.

•

Dário e Dreyfus saboreiam o sorvete que Jardel lhes pagou.

- Precisarei de toda ajuda possível – introduz Jardel.
- Dário concorda com a cabeça, ainda lambendo seu sorvete.
- Mas – questiona Dreyfus – você não tinha nenhum dinheiro de reserva?
  - Tinha. Aluguei um apartamento. Tive de mobiliar. Tenho de pagar plano de saúde, arcar com os gastos do nenê.
  - Estou falando de muito dinheiro – retruca Dreyfus. Você não seria guardião a troco de migalhas.

Jardel sorri admirado da perspicácia dele.

- A minha parte estava na conta que foi desfalcada.
- Que burrice! Como pôde deixar tudo num lugar só?
- Costumava ser um paraíso fiscal confiável – justifica Jardel como se prestasse contas ao próprio pai.

Os garotos terminam o sorvete.

- Querem mais?

Ambos negam com a cabeça, apáticos de tão fartos.

- Entenderam bem o que devem fazer?
- Claro! – responde Dreyfus.
- Merlin?
- Bico!
- Olha lá o idiota do Péricles estacionando o carro – alerta Dreyfus.

Jardel se levanta e deixa o local.

Péricles adentra a sorveteria.

- Por que não me esperou em frente à escola? – pergunta irritado.
- Quer que seu pai me enterre vivo no jardim?

– Ele não lhe daria essa chance de sobreviver – retruca Dreyfus bem humorado.

– Muito engraçado! Quanto foi o sorvete? – pergunta Péricles tirando a carteira do bolso.

– Meu amigo Dário pagou – adianta-se Dreyfus colocando a mão no ombro dele.

Dário teatral abre um sorriso enorme.

Dreyfus se despede – Valeu cara! Até a próxima!

Dário permanece com o sorriso montado na face até que Péricles e Dreyfus se afastem.

– Ufa! – exclama aliviado.

•

O expediente terminou, mas o refeitório ainda funciona, servindo jantar para os funcionários.

A sobremesa de hoje é doce de banana, que Zulma adora.

Simone e Beto jantam juntos. Na mesma mesa Marcos e Ciça, Adriana, Rosana, Murilo, Ugo, Enzo, Bira, Fátima e Gaby.

– Esse Eusébio é muito arrogante! Nem olha direito na gente – queixa-se Adriana.

– Você também acha Ciça? – pergunta Zulma curiosa.

– Ele me parece uma boa pessoa. Implicância da Dri.

– Uma pessoa ambiciosa – pontua Simone. Talvez ardilosa também.

– Por que diz isso? – questiona Marcos.

– Ele nunca está totalmente à vontade, me entende? Acho que ele representa o tempo todo.

– Desculpa aí mudar o foco – pede Bira – mas os treinos no clube serão retomados com um novo guardião. Marcos, quem foi escolhido?

– O Deigles está assumindo interinamente.

- Eu não acredito até agora que o Dr. Jardel se demitiu – fala Fati.
- Na verdade ele renunciou.
- Conta outra Marcos – pressiona Rosana. O Cesário estava na reunião e me contou como tudo aconteceu. O Jardel deu um desfalque na empresa.
- Ele jamais faria isso! – indigna-se Enzo.
- Olha quem fala – provoca Adriana. Vivendo às custas da japonesa e vem dar lição de moral.
- Não admito que você faça uma acusação dessas! Eu estou vivendo do meu salário, como sempre fiz. O dinheiro da Tomiko é dela! – defende-se Enzo com veemência.
- Mas será seu quando se casarem – mete-se Rosana.
- Desfalque deram você e seu marido, passando quase um ano na Europa – acusa Enzo.
- O Cesário pagou com correção monetária pela nossa lua de mel ...ah...exuberante... – qualifica Rosana. Ele escavou no subsolo de Itaipu por meses.
- O Dr. Jardel foi muito bondoso ao aplicar esta punição – retalia.
- Vou pegar mais doce – avisa Zulma deixando a mesa.
- Bira curioso – Afinal, o Jardel deu um desfalque na empresa ou não?
- Claro que não! – esclarece Marcos. Ele está devendo dinheiro. Mas não se trata de um desfalque.
- Então é só a gente fazer uma vaquinha – sugere Gaby.
- Marcos descarta a alternativa.
- É um montante absurdo. Não dá para ajudar.

•

O prédio da polícia federal é imponente. Num dos andares do prédio iluminado, o delegado Kléber Oliveira oferece um café para seu visitante.

– O que você quer Jardel?

Jardel termina o seu café e empurra a xícara para o lado.

– Saber como andam as investigações da Suíça.

Kléber ri e assume uma postura muito descontraída.

– Você disse bem. Passamos o caso para as autoridades suíças.

– Reunimos material suficiente para vocês. Dezenas de cortadores de cana deixaram de ser enterrados de forma decente, junto de seus familiares, para seguirem como cobaias para o conglomerado Laville – lembra Jardel.

– Você acha que eu sou maluco de pedir a exumação dessa gente?

– Evandro trouxe até mesmo a localização do laboratório! – explode Jardel.

– Sem a colaboração da polícia suíça eu não posso fazer nada. Não posso dar voz de prisão noutro país, para cidadão de outra nacionalidade.

– Parece que terei de resolver isto à minha maneira – ameaça Jardel.

– Nem tente – adverte-o Kléber.

– Espere que eu fique de braços cruzados?

– Você cometeu um grave erro renunciando ao seu cargo na Petra.

– Eu não tive escolha – defende-se Jardel. Há um traidor no alto escalão da chave e precisamos descobrir quem é.

– É um plano muito arriscado.

– Não me diga! – ironiza com acidez.

Kléber olha para fora por um instante.

– Poderiam ter poupado a vida de Fernando. Nós poderíamos tê-lo interrogado. Ele ainda mantinha a nacionalidade brasileira.

– Não fomos nós que demos cabo da vida dele. Mas se quiser saber a minha opinião, já foi tarde.

Kléber volta-se para ele – Tá certo! O que você pretende fazer?

Jardel acaricia gentilmente seu bigode – Preciso de proteção.

– Quer que eu mande policiais de plantão em frente ao seu edifício, com coletes, escrito – gesticula uma linha imaginária sobre o peito – polícia federal?

– Pouparamos o Orlando.

– A linha telefônica dele está grampeada há meses. Mas ele não é nenhum imbecil. E depois, eu não posso me opor às Forças Armadas por um capricho seu.

– Capricho? Tomei um monte de choque no saco! Varada nas costas! – reclama veemente.

– O que a gente não suporta por milhões de euros – debocha o outro rindo.

– Um dinheiro que você deve e pode rastrear.

– Jardel, você tem noção de quantos problemas que estão aí amontoados – aponta para sua mesa – dependem de um serviço de inteligência?

– O Orlando cometerá algum erro. Fique de olho nele.

Kléber inspira profundamente – Por que não pede isso para o Sóler?

– O Sóler já fez a sua parte – responde Jardel sereno.

Kléber solta um risinho cético – Qual? Descobriu que ele tem uma amante? Não tenho como enquadrá-lo por isto.

– Eu vou detê-lo – anuncia o ex-coronel.

– Vamos agir dentro da lei, tá?

Jardel furta-se responder.

– Jardel? – insiste Kléber chamando-o.

– De qual lei você está falando?

– Execute-o e ordeno o cancelamento do seu porte de arma – avisa Kléber.

•

Tabatinga recebe uma turma de novos cadetes da Aeronáutica.

Os pilotos militares foram aprovados após quatro anos acadêmicos em Natal, na qualidade de aspirantes-a-oficial-aviador.

Entre as matérias curriculares destacaram-se aerodinâmica, propulsão a jato, navegação aérea, tráfego aéreo, inglês técnico e meteorologia.

Orlando discursa em traje de gala, usando seus óculos em público:

– Com o SIVAM a Amazônia Legal estará mais segura. As rotas de tráfico de drogas, a ocupação desordenada e a ação corrosiva das madeiras e garimpos ilegais serão devidamente coibidas.

O tenente-coronel faz uma pausa solene.

– Haverá um controle efetivo sobre essas ações criminosas. Dados de voz, texto e imagem chegarão imediatamente às estações controladoras.

Orlando vira a página e prossegue a leitura.

– Por isso, saudamos ao Pelotão Especial de Fronteira de Cucuí, que edificou o pavilhão da tropa de reforço e aos recém-chegados oficiais-aviadores, que nos ajudarão a cumprir nossa missão de zelar pela segurança e desenvolvimento sustentável da Amazônia. Formalmente ovacionado, deixa o palanque.

Um jipe o aguarda e o conduz para a sede administrativa da base. Na sua sala espartana, ele retira o quepe e tenta aliviar o calor acionando o ventilador de teto.

Na parede fotos emolduradas com vários momentos de sua carreira.

Destranca uma das gavetas da escrivaninha e retira cautelosamente um envelope pardo. Olha para os lados para se certificar que está só.

Checa o conteúdo: mais fotos dele com a mulher do prefeito.

Suspira irritado. Precisa dar um jeito de se livrar dessa extorsão.

•

Vanessa Anaconda desembarca no aeroporto de Congonhas e pega um táxi até um flat próximo à Avenida Paulista.

Acomodando-se no quarto, abre a cortina para observar o panorama tão diferente da arborizada São Gabriel da Cachoeira.

Disca o número da Petra. Escuta a voz de Ivone:

– Diretoria. Petra S/A, bom dia?

– Por favor, o Dr. Deigles? – pede a voz macia, sensual.

– A quem devo anunciar? – pergunta Ivone apertando os olhos.

Deigles atende furioso – Por que insiste em ligar para cá?

– Seu celular está desligado. Adivinhe onde estou?

– Não faço a mínima ideia.

– Aqui em São Paulo – anuncia eufórica. Posso almoçar com você?

Deigles traz o tronco mais à frente – Enlouqueceu?

– Se você não aparecer, vou até a sua casa me apresentar para a sua esposa.

Deigles leva uma das mãos à testa – ...me dá seu endereço?

Ele anota num pedaço de papel e guarda no bolso do paletó.

Magda ouve na extensão, tanto quanto Ivone e Zulma.

– Desta vez ele se deu mal – caçoa Magda. Ela não larga do pé.

– Assim ele aprende – declara Ivone.

– Será que ela é bonita? – divaga Zulma sempre nas nuvens.

– Ela não disse que ganhou um concurso de beleza, sua anta? – refuta Magda.

– O Dr. Deigles só coleciona mulheres bonitas – opina Ivone.

– Deve ser por isso que até hoje ele nem notou que você existe – provoca Magda.

– Vá procurar a sua turma! Eu sou uma mulher de respeito!

– Pois eu acho que vou telefonar para a Elizabeth, um telefonema anônimo, para esquentar essa relação – anuncia Magda.

– Não faça isso – implora Zulma. Pode acontecer uma desgraça.

A D. Elizabeth é uma mulher imprevisível.



Jardel se desvia de mais um prato que Letícia arremessa na sua direção.

– Seu egoísta!

– Ele pode vir, mas quando eu não estiver.

Mais um prato estoura no azulejo florido da cozinha.

– Podemos ser expulsos pelos outros condôminos – negocia Jardel. Letícia pega mais um prato, Jardel vem sobre ela e imobiliza suas mãos.

– O seu irmão quase me matou!

Letícia controla sua raiva.

– E lembre-se que agora eu não posso comprar um jogo de cozinha a cada semana – adverte o marido.

– Coma com as mãos – retruca ela.

Jardel comprime mais o corpo dela contra o seu.

– Você vai lambe os meus dedos?

– Só depois de você passar no cu!

– Que ótimo! Ficaré muito mais apetitoso.

Ela acaba aceitando o flerte e beijando-o. Ele quer mais.

Ela o rejeita, afastando-o com força.

– Ah! Vê se arruma alguma coisa para fazer.

Ele a segue até a sala – Por que está tão zangada?!

– Nenhuma empregada presta para você. Se não arrumar alguém, encontrará suas roupas amontoadas no tanque. Já está valendo – acrescenta virando as mãos em torno da cintura, sinalizando que não aceita protestos.

Escutam Lutero chorar.

– E pegue o nenê durante a noite – ordena caminhando pelo corredor até o quarto de Lutero. Por que só eu sou obrigada a me levantar?

– Não está curtindo a maternidade? – ironiza o marido.

Ela olha com nojo para a roupa cheia de vômito do nenê.

– Olha isso! Isso não é vida, Jardel!

– Está bem! Hoje mesmo você terá uma babá e uma diarista. O que mais? – indaga cruzando os braços diante do peito.

Ela passa por ele decidida – Dá um tempo!

Dalcídio aproxima-se.

– Antes queria fazer sexo três vezes ao dia – lamenta-se Jardel, rumando para o seu quarto sendo seguido por Dalcídio.

– Mudanças decorrentes da responsabilidade como mãe. Mais umas semanas, ela volta ao normal – consola-o Dalcídio.

– Não estou com pressa – diz Jardel checando se a cor da gravata combina com a camisa.

– Duvido – devolve Dalcídio permitindo-se um sorriso.

– Como pode ter tanta certeza de que ela vai me procurar de novo? – pergunta fazendo o nó da gravata.

– Ah! – sai-se o brutamontes. É a lei da natureza.

– A lei da natureza, Dalcídio, é cruel – fala proverbialmente ajustando a gravata e mirando-se no espelho do guarda-roupa.

•

O corpo da esposa do prefeito de São Gabriel Cachoeira é encontrado por pescadores, boiando no rio próximo às instalações da hidrelétrica.

O padre Jacinto sente-se desolado com a sequência de tragédias que consternaram a cidade. Mais um fêretro!

Quando está benzendo o caixão, Orlando Correa vem prestar condolências.

Foi ele! Presente o padre sentindo um arrepio.

Veio se certificar que o serviço fora concluído. Seu olhar diz tudo.

Naturalmente, padre Jacinto não pode condenar ninguém por conta de sua intuição; mas são anos lidando com a maldade

humana.

O padre se benze. Que Deus tenha misericórdia de sua alma!

O mesmo homem capaz dos atos mais sórdidos pode vencer limites e promover a cooperação mundial.

A atleta australiana Wendy Craig Duncan atravessa a Grande Barreira de Corais, nadando com a tocha olímpica submersa por quarenta minutos, graças a substâncias químicas que mantiveram o oxigênio.

Tendo sido acesa no altar de Hera em Olímpia, em maio, ao som de “Tinella”, uma composição do século I, a tocha foi enviada de avião para Guam no Pacífico Sul; para então, percorrer doze países.

As Olimpíadas de 2000 têm Sidney como cidade sede.

O conglomerado Laville Co. firma-se como um dos grandes patrocinadores do evento esportivo.

O número de matérias publicadas na mídia impressa, imagem em televisão, entrevistas em rádio; demonstra isso.

Assim Jardel constata através da pesquisa que Dário e Dreyfus perfazem para ele. Desta feita encontram-se num cibercafé.

– Fizeram um trabalho excelente! – elogia Jardel.

– Desculpe – pergunta Dário não contendo mais a curiosidade – para que precisa dessas informações?

– Talvez eu vá concorrer em alguma modalidade esportiva.

– Qual é? – zanga-se Dário.

– Agora acho melhor vocês voltarem para suas casas.

– Vamos Dário – ordena Dreyfus conformado.

Jardel perfaz a leitura de outro CD-ROM que trouxe consigo.

Vários gráficos financeiros abrem-se em cascata diante de seus olhos.

Jardel queda-se hipnotizado diante deles.

Paga pelo serviço que garantiu o seu anonimato.

Pega um táxi para retornar para casa, pedindo para que o mesmo suba pela Avenida Paulista.

Jardel gosta do traçado da avenida, do contraste do concreto com o entardecer, das luzes que se acendem, do vai-e-vem de pessoas. Ele segue pensativo no banco traseiro, o queixo apoiado numa das mãos, o dedo indicador acariciando os bigodes sedosos.

•

Deigles chega atrasado ao desfile de modas, acomodando-se discretamente numa fileira logo atrás dos jornalistas.

Seu lugar estava reservado junto a outros empresários de renome. Finalmente Vanessa sobe a passarela trajando um maiô inteiro branco, que evidencia sua pele morena. Ela aparou as pontas dos cabelos e a maquiagem realçou ainda mais a sua beleza.

O desfile termina. Deigles acessa o camarim.

Ela adora a surpresa. Ele a toma nos braços.

– Aposto que não prestou atenção em nada, a não ser nas minhas curvas – gaba-se Vanessa.

– Claro que prestei. A tendência desse verão é o cru, o bege, o branco e tons de laranja.

– Cínico!

– Vamos comemorar esse desfile tão importante para a sua carreira. Conheço um restaurante magnífico!

No estacionamento, Deigles abre a porta da Ferrari para Vanessa e depois assume o volante. Ela abaixa o espelho retrovisor e retoca o batom. Ele coloca uma música romântica antes de dar partida. Num outro carro, com vidro fumê, Elizabeth ajeita os óculos e a peruca. Contorce o rosto para reprimir sua raiva.

•

Quando Jardel entra no apartamento, a primeira cena que

vê é Lucas com Lutero nos braços. Ele fica completamente descontrolado.

– Afaste-se do meu filho! – impõe vindo por cima de Lucas e tomando o menino de volta. Quem deixou você entrar?

– Eu – responde Letícia, vindo da cozinha. Sua mulher, que está até agora esperando a diarista e a babá que você ficou de enviar. Dalcídio aparece ocupando um terço da sala com seu corpanzil.

– Algum problema, chefe?

– Coloque esse vagabundo na rua.

– Qual é Jardel? Ele é meu sobrinho, sacou? Ponha-me no chão!

– protesta Lucas esperneando.

Dalcídio ignora o apelo arrastando-o em direção à porta.

– Se expulsar o meu irmão, eu volto para São Gabriel – ameaça Letícia.

– Dalcídio – ordena Jardel. Solte esse imprestável.

Dalcídio obedece. Lucas reajeita a camisa.

– É bom saber quem manda por aqui – afirma rindo.

Jardel passa Lutero para Monteiro e aproxima-se do cunhado.

– Vou te mostrar quem manda.

– Espere aí! – apela abrindo os braços e dando um passo para trás. Eu salvei a sua vida.

– Será mesmo? – questiona cético.

– Monteiro, por favor, leve o Lutero para o berço – pede Letícia.

– Sim senhora.

– Eu tô regenerado, Jardel. ...me dá uma chance.

Jardel passa a mão pelo rosto, aturdido.

– Dalcídio; deixe-nos a sós, sim?

– Não me convida para sentar? Que falta de educação!

Jardel não responde.

– Eu sento assim mesmo – resolve Lucas. Que sofã mixuruca! Comprou em alguma loja de móveis usados?

- Jardel, por favor, escute o que ele tem a dizer – suplica a esposa.
  - Estou cansado de ouvir que seu irmão vai se emendar.
  - Eu me esfolei todo subindo aquela rocha para buscar ajuda. Tô com cicatrizes até agora – assegura elevando uma das pernas da calça até a altura do joelho para mostrar um machucadinho.
  - É demais! – desabafa Jardel. Fique aí com o seu irmão. Estarei no quarto, se precisar.
  - Não, Jardel – impede-o de se retirar. Temos que conversar.
  - Vendo o senhor naquela situação eu me lembrei de como me carregou na floresta, ferido, corpo e alma.
- Jardel detém o passo ao ouvir Lucas tratá-lo por senhor.  
Fita-o com mais condescendência.
- Havia perdido o meu melhor amigo.
- O tom de voz de Lucas muda ao se lembrar de Danilo.
- Podia muito bem ter me abandonado lá mesmo.
- Jardel retrocede – É o que deveria ter feito.
- Lucas se coloca em pé.
- É sério! Batiam em você e dava um aperto assim – demonstra gesticulando – no meu coração.
  - Imagino!
  - Se não quiser acreditar, eu entendo. Mas é verdade. Ali naquela caverna, mataram os manos por nada. O senhor agiu diferente. Os olhos de Lucas estão lacrimejantes.
  - Fico imensamente feliz que tenha percebido isto, mas eu não sou mais diretor patrimonial da Petra, tampouco guardião.
  - Não vim te pedir nada, além de poder ver o meu sobrinho.
  - Você é uma influência nefasta para ele – afirma Jardel convicto.
  - Traduz aí.
  - Seu remorso não me impressiona.
  - Eu traí a sua confiança, mas será diferente agora.
  - Lucas, eu não tenho mais poder. Não existe agora. Acabou.

– Estou trabalhando lá na reciclagem de lixo – dispara a falar, tentando convencer o cunhado de sua boa índole. O Dr. Cesário e o Dr. Eusébio me deram outra oportunidade.

Jardel suspira entediado.

– Outra oportunidade para você fazer espionagem industrial?

– Quando fiz isso, ó meu?

– Fez pior. Desejou que a Letícia ficasse viúva para que você usufruísse os bens.

Letícia olha para Lucas. A expressão no seu rosto confirma a acusação.

– Caiu do cavalo. Eu não tenho tantos bens quanto aparentava. Eu guardava os bens de outros.

– Sem levar nada? Conta outra!

– Boa sorte. Lucas! Com licença.

Letícia vê Jardel sumir no corredor. Aproxima-se do irmão.

– Desejou que o Jardel morresse?! Depois de tudo que ele fez por você?!

Letícia sente uma ponta de desânimo.

– Ah! Acho que vocês nunca se entenderão.

– Vem cá – pede Lucas.

Os irmãos se abraçam.

Letícia arruma a gola da camisa dele.

– Volte outra hora. Estamos passando um período muito difícil.

Quem sabe com o tempo.

– Eu vou ajudar o Jardel a recuperar essa grana e aí ele será grato.

– De que grana está falando?

– Dos cinquenta milhões de euros, claro.

Jardel escuta do corredor e quase tem um infarto fulminante.

•

Deigles e Vanessa encerraram a noite num motel da cidade.

Ele está fazendo sexo com ela quando, não se sabe como, uma mulher invade o quarto. O barulho da abertura repentina da porta o desconcentra. Ele volta-se a tempo de reconhecer Elizabeth, segundos antes de levar uma bordoadada certeira na cabeça.

Vanessa deixa a cama. Foge nua. A louca corre atrás dela, empunhando a mesma estatueta de cobre da deusa Saravasti, que arrancou de um dos pedestais do corredor e usou para acertar Deigles.

O vice-presidente da Petra deixa o motel de maca, o rosto sangrando muito, o peito liso e musculoso à mostra, a cintura envolta por uma minúscula toalha de banho.

Gerd arremessa um jornal sensacionalista para Deigles.

“Vice-presidente da Petra leva bordoadada da esposa em motel”.

– Onde você estava com a cabeça? – pergunta Gerd alterado.

Deigles leva uma mão à testa – Fale baixo. Ainda dói muito!

– O que pode ser pior do que isto? – prossegue Gerd.

– Ela quer o divórcio – responde Deigles singelo.

– Estou falando para a empresa – corrige Gerd postando-se atrás dele. Faço votos que a Elizabeth lhe arranque até as cuecas.

Fátima entra e gentilmente disponibiliza água para todos os diretores e eventuais assessores que estão presentes à reunião e sai rapidamente.

– Você não tem juízo, Deigles. Estamos tentando reerguer a nossa imagem junto ao público após aquele tumulto na hidrelétrica e você tem que priorizar a si mesmo – prossegue Gerd.

– Foi o stress – tenta justificar Deigles.

– Não sabia que sexo tântrico combate o stress. Experimentarei com a sua irmã esta noite – avisa Awsfêber em tom de ironia.

– Se quiser realmente ser guardião da chave, deve manter uma postura moral irrepreensível – lembra Gerd a Deigles.

- Essa exigência era só para o Jardel, que tinha tendência a ser celibatário e mesmo assim – frisa com gestos – não aguentou.
- Não estamos aqui para tecer comparações – elucida o Presidente da Petra e venerável da chave paulista.
- Isso foi uma comparação – reclama Deigles. No fundo, você não se conforma com a saída do Jardel.
- O que podemos fazer para minimizar essa besteira que você fez, esta é a questão.
- Podemos recolher os exemplares deste jornal – propõe Eusébio.
- Discordo – opina Cilene. Passaria uma imagem de intolerância e medo.
- A concorrência pode se utilizar dessa pulada de cerca, para nos marcar junto aos investidores, como um bando de irresponsáveis – opina Cesário.
- O jeito será esperar até que a poeira abaixe – pauta Eusébio.
- Estão se preocupando à toa – assegura Awsfêber. Hoje em dia, essas coisas não têm o mesmo peso do passado.

•

Uma fila de carros se forma ao longo da rodovia.

Muitos motoristas buzina.

Todos aguardam a sua vez de entrar no Motel Parvati.

Uma estátua em tamanho natural da deusa, uma divindade reverenciada pelos hindus, decora a entrada do motel.

Segundo a crença hindu quando Shiva perdeu sua primeira esposa, a deusa-mãe Shakti se encarnou como Parvati para tirá-lo de uma caverna aonde ele havia se refugiado para meditar.

Kama, o deus do desejo, atirou flechas no coração de Shiva. Quando Parvati se casou com Shiva na presença dos deuses, Shiva inspirado em sua beleza se tornou o deus fomentador das artes, da dança e do teatro.

No mundo dos homens, os que fazem fila em frente ao motel, estão cada vez mais impacientes, projetando cabeças e braços para fora.

Algumas mulheres que os acompanham trazem a última edição da revista “Economia e Mercado” com o loiríssimo vice-presidente da Petra estampado na capa, corpo blindado em terno e gravata. Atraídos pelo movimento incomum, jornalistas e câmeras-men se posicionam na entrada.

– O escândalo com o vice-presidente da Petra, Deigles Jesséfer parece ter mexido com a libido de muita gente. Dezenas de casais decidiram fazer um programa no Motel Parvati para experimentar os efeitos afrodisíacos do sexo tântrico – declara com ar de deboche a jornalista na cobertura ao vivo.

Alguns casais são entrevistados.

– Não tem medo que sua esposa lhe arrebente a cabeça?

– Ela é a minha esposa – responde o homem rindo. Fazia tempo que não fazíamos um programa a dois.

Uma mulher mostra a revista – Este homem vira a cabeça de qualquer mulher! Se ele não fosse empresário, certamente estaria em Hollywood.

Outra reprova a atitude da esposa – Se eu estivesse no lugar dela, tirava a amante para escanteio e assumia o meio de campo.

•

Howard Coolidge galopa nesta manhã em seus haras particular. Um empregado vem interromper o seu passeio, também montado num mangalarga.

– Seu “Rauríd” tem telefone para o senhor. Sua cunhada.

Howard faz meia volta com o cavalo e ruma para a casa da fazenda.

Desmonta e passa o cavalo para o empregado.

Adentra pisando no assoalho de madeira nobre com suas botas. Howard pega o telefone sem fio e caminha de volta para a varanda, sentando-se de frente para os mangueirais.

– A que devo a honra?

– A Ângela não lhe contou?

– Sobre a última aventura amorosa do seu marido? Nem foi preciso. É de domínio público.

– Howard, eu quero o divórcio e ele está fazendo ouvidos de mercador – choraminga Elizabeth enquanto estende a mão para a manicure.

– Tenho um excelente advogado para lhe indicar.

– Exatamente! Não quero ninguém ligado à Petra. Seria uma tolice.

A manicure espera que Elizabeth troque o telefone de mão, para continuar tirando a cutícula.

– Quero deixá-lo apenas com a roupa do corpo – jura a mulher traída.

•

Tomiko perfaz os rituais xintoístas da manhã antes de deixar sua casa, oferecendo rezas e alimentos para os antepassados, especialmente para seu pai, Uno, do qual mantém uma foto junto ao altar.

Após a cerimônia, Tomiko sai com o carro.

Guia com redobrada atenção.

Está com trinta e três anos, uma idade perigosa, o yakudoshi, que segundo crê propicia o aparecimento de doenças.

Por isso, Tomiko tem comparecido regularmente nesta clínica médica.

Quase toda a clientela é de ascendência japonesa.

Tomiko aguarda apreensiva pelo resultado dos exames.